

## MUTUALISMO URBANO: UMA 'VIRADA VEGETAL'

### Dispositivos para não humanos

*"As plantas não são paisagem, elas são os primeiros paisagistas.*

*Paisagem é um povo de paisagistas, jardim é um exército de jardineiros."*

*(Emanuele Coccia)*

Em meio ao caos, esse momento em que o planeta se revira contra a humanidade, reiteramos que o mundo já está perdido para os humanos e quem sobreviverá serão todas outras formas de vida que vivem junto a nós na terra. Os não humanos estão em vantagem, estão aqui na terra antes de nós, presentes e firmes. Pretendemos observar do ponto de vista das plantas, assim como o autor Emanuele Coccia em seu texto "Virada Vegetal" (origem do título desse trabalho) exalta: a produção do mundo é feita pelas plantas. Tomemos conhecimento daquilo que nos faz viver, o alimento, a água, o ar, a terra, tudo provem da natureza, mas as florestas continuam sendo devastadas. Como construir no meio dessa destruição, que para nós é vital? Por que continuamos a descartar a matéria orgânica sendo que ela é o elo que mantém a engrenagem do ciclo de vida?

Vivemos muito tempo naturalizando os acontecimentos, as fases e faces do modernismo vem se recriando, e logo nos esquecemos do que passou, assim partimos para outras próximas criações em um sistema tardio, insistindo em continuar a ignorar os outros seres. Cabe a nós, como coletivo, imaginar como seguir, pois o que se apresenta como normal já se mostrou instável e a realidade não é a mesma para todos os povos.

Existe uma guerra entre os humanos e a natureza, e a segunda não consegue renascer na mesma velocidade com que está sendo destruída, portanto precisa urgentemente de ajuda. É a partir de suas raízes, troncos, folhas e flores que os humanos organizam e harmonizam os espaços urbanos, como em uma grande avenida com um boulevard, as praças e os parques. As plantas trazem a vida na cidade, exercendo a tarefa de tornar nossa realidade um lugar habitável.

Com essa ideia em mente, decidimos desertar do lado dos humanos e pautar nossas ações de modo que possamos ajudar os não humanos a recuperarem seu espaço no ambiente urbano, tal espaço que se torna impermeável para as necessidades vitais desses seres. Queremos furar o concreto que impede o crescimento dessas espécies e possibilitar o seu desenvolvimento em um lugar marcado por disputas de espaço. Trazer a terra a superfície. O concreto, o asfalto, as redes de esgoto, os piscinões, os prédios, enfim tudo que impede a aproximação com a terra, trouxe um distanciamento de nós com aquela que traz vitalidade para a realidade como ela é, a de plantar, nascer, colher e nutrir.

Para o autor Emanuele, "Nunca saímos (...) nunca abandonamos o jardim originário que é o mundo", a importância do sol, do solo, da água e do ar é fundamental para nutrirmos

disso que a vida vegetal soube fazer, o tal 'jardim originário que é o mundo'. O autor identifica que a realidade vegetal é de fato quem conserva este mundo em vida, as plantas que o fazem. São elas os jardineiros do mundo, e nós humanos em conjunto dos animais, somos apenas objeto, do que Emanuele diz ser, a 'jardinagem cósmica das plantas', pois é inerente essa relação céu-terra, luz transformada em energia.

A partir desse ponto de vista das plantas, entendendo que são "elas que produziram e continuam a produzi-lo, instaura-lo e a fabrica-lo" (o mundo), como afirma Emanuele, investigamos referências de pesquisas científicas, estudos biológicos e designs tecnológicos que buscam compreender as relações das formas orgânicas e que trazem ações, muitas vezes imperceptíveis ao olho humano, mas que a natureza estabelece entre si, como a comunicação entre plantas, a ação conjunta destas contra um inimigo comum ou a capacidade de elas lerem os pensamentos dos humanos, aí por diante.

As plantas têm um papel fundamental no mundo, pois são responsáveis imediatas ou indiretas pela produção quase do total da biomassa do planeta. Elas quem possibilitam a condição energética de existência e nutrição de todo animal "superior". Queremos entender de que maneira podemos interferir no ambiente urbano para propiciar um crescimento dessas populações, vegetais e animais. Analisando este contexto onde as plantas e os animais irão perpetuar no mundo sem nós, chegamos na ideia de projetar dispositivos para não humanos, adquirindo formas orgânicas, do próprio design da natureza, que sejam fáceis de serem replicados e possam ser produzidos com facilidade por qualquer humano desertor em qualquer lugar do planeta. Criando grandes proliferações de plantas em meios quase que insuficientes para sua reprodução. Produzindo novas tecnologias exclusivamente para a natureza se espalhar, apropriando-se, por exemplo, de leitos de rios, canos de esgoto ou qualquer curso de água, para a partir destes proporcionar novas situações no meio urbano.

A ameaça que estamos vivendo no presente pode ser entendida nessa chave da guerra entre humanos e natureza. Uma poderosa arma do meio natural que conseguiu parar grande parte da destruição que estava sofrendo, interrompendo indústrias, extrações de minérios, tantas emissões de Co2 pela diminuição de veículos circulando, aliviando o estresse da atmosfera. Além de conseguir fazer os seres humanos começarem a repensar o sistema falido em que estamos vivendo, seguindo rotinas e leis completamente alienadas e dependentes de toda uma lógica que não faz mais sentido, nessa rede de distribuição, de alimento, informação, tecnologia e imagem.

Analisando do ponto de vista das plantas, é uma armadilha feita por estas para romper o silêncio e a ignorância sobre tudo que a natureza tem a oferecer, mas também o vírus, seja ele qual for, é a forma mais explícita de demonstrar que a natureza sempre esteve e está em evolução. Com isso torna-se um ambiente perfeito para o desenvolvimento daqueles que estão esquecidos no sistema da cidade, mas que vivem em conjunto de nós. Uma vez inseridos em um sistema, uma infraestrutura pode servir para a atuação destes. Pequenos espaços, cantos deixados e rachaduras no concreto podem ser sítio para crescimento de novas vidas.

Por último fica um trecho do livro escrito por Davi Kopenawa e Bruce Albert, “A queda do céu”:

*“ A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer de baixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos Xapiri que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugiram para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chama-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças e epidemia que nos devoram. Não conseguiram mais conter os seres maléficos, que transformaram a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum dele vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. ”*

---

COCCIA, Emanuele. VIRADA VEGETAL. N-1, Edições. Série PANDEMIA.

[Emanuele Coccia é filósofo, professor na escola de altos estudos em ciências sociais (EHESS) em Paris, e autor, entre outros, de *A vida das plantas (cultura e barbárie)* ]

KOPENAWA, ALBERT, Bruce, Davi. A QUEDA DO CÉU: Palavras de um xamã Yanomami; Tradução Beatriz Perrone-Moisés; SP; Companhia das letras, 2015.